

## O CAMINHO DAS ÁGUAS: RELATOS DE PROCESSOS DE CURA

*Mileide Santos Dias<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Falar, escrever, externalizar emoções e/ou experiências são ações indispensáveis a processos de cura. Este texto apresenta relatos de algumas de minhas vivências, sobretudo, as relacionadas à minha identidade negra-mulher, com a qual sigo os cursos nos percursos das águas em busca de caminhos para me inserir em espaços sociais como o acadêmico e o profissional. Narro também situações que vivi enquanto atravessava a pandemia de COVID-19. Enseja-se evidenciar dificuldades de um corpo negro feminino em ingressar e permanecer na academia com pesquisas disruptivas negro-centradas. Constata-se que não é fácil lutar contra sistemas opressores atravessando um isolamento social, distante da família. Porém, com a ajuda adequada, recorrendo à ancestralidade e renovando a fé, é possível singrar e seguir movendo o corpo – essa tecnologia negra ancestral – por um caminho em direção ao autoconhecimento, às águas internas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade negra-feminina. Águas. Escrivência.

## THE PATH OF THE WATERS: ACCOUNTS OF HEALING PROCESSES

**ABSTRACT:** Speaking, writing, externalizing emotions and/or experiences are actions inherent to healing processes. This text presents accounts of some of my experiences, particularly those related to my identity as a Black woman, through which I follow the courses of the waters in search of ways to integrate into social spaces such as academia

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudo de Linguagens, pela Universidade do Estado da Bahia. Pesquisa financiada pelo Programa de Bolsa de Pesquisa (PROGPESQ) vinculado à Universidade do Estado da Bahia. E-mail:milleangela@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4360-1482>.

and the professional world. I also narrate situations I lived through during the Covid-19 pandemic. The aim is to highlight the challenges faced by a Black female body in entering and remaining in academia with disruptive, Black-centered research. It is evident that fighting against oppressive systems while enduring social isolation, far from family, is not easy; however, with appropriate support, drawing on ancestry, and renewing faith, it is possible to navigate and keep moving the body—this ancestral Black technology— along a path toward self-knowledge, toward the inner waters.

**KEYWORDS:** Black-female identity. Waters. *Escrevivência*.

## EL CAMINO DE LAS AGUAS: RELATOS DE PROCESOS DE CURACIÓN

**RESUMEN:** Hablar, escribir, externalizar emociones y/o experiencias son acciones inherentes a los procesos de curación. Este texto presenta relatos de algunas de mis vivencias, sobre todo las relacionadas con mi identidad como mujer negra, con la cual sigo los cursos de las aguas en busca de caminos para insertarme en espacios sociales como el académico y el profesional. También narro situaciones que viví durante la pandemia de Covid-19. Se busca evidenciar las dificultades de un cuerpo femenino negro para ingresar y permanecer en el ámbito académico con investigaciones disruptivas centradas en la negritud. Se constata que no es fácil luchar contra sistemas opresores atravesando un aislamiento social, lejos de la familia; sin embargo, con la ayuda adecuada, recurriendo a la ancestralidad y renovando la fe, es posible avanzar y seguir moviendo el cuerpo — esta tecnología negra ancestral— hacia un camino de autoconocimiento, hacia las aguas internas.

**PALABRAS CLAVE:** Identidad negra-femenina. Aguas. *Escrevivência*.

## INTRODUÇÃO

Peço licença, sabedoria e benção às “*Vozes-mulheres*”<sup>2</sup> que me acompanham: minha Vó Kukula Ângela, mulher preta mãe de meu pai; minha Vó Lia Reis, mulher negro-indígena mãe de minha mãe; minha mãe, irmãs e sobrinha: uma bênção! Que por meio das palavras eu possa

<sup>2</sup> “*Vozes-mulheres*” (EVARISTO, 2017a, p.24) é o título de um poema evaristiano. Uso essa expressão para referir à coletividade negra e indígena feminina.

honrar as mulheres de minha ancestralidade, que como correnteza de rio, atravessaram-me, atravessam-me e me atravessarão.

Sou uma negra-mulher, professora-pesquisadora (pesquisadora-professora porque para compartilhar saberes é preciso adquiri-los), graduada em letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), localizado no extremo sul baiano; mestra em letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); estou em processo de doutoramento pela UNEB, Campus I, Salvador – BA. Ao longo das minhas passagens por espaços acadêmicos, constatei/constato o quanto é difícil pesquisar sendo uma mulher, negra, nordestina, empobrecida. É evidente que separadamente cada uma dessas marcas carregadas pelo meu corpo apresenta o peso das tensões sociais que lhes são impostas, porém, quando simultaneamente somadas, elas se tornam ainda mais pesadas. Infelizmente, a academia, provavelmente por seu fazer institucional, ainda se configura como um território de poder majoritariamente contaminado pelo patriarcado, racismo, classicismo, entre outros sistemas opressores. Nesse ponto, é preciso lembrar que discussões sobre a sobreposição de gênero, raça e classe já eram abordadas no Brasil pelas intelectuais, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez na década de 1970.<sup>3</sup>

Antes e além de ser professora-pesquisadora/pesquisadora-professora, sou poesia itinerante, (in)constante movimento, movida pelas forças nascentes e transformadoras das águas de quem sou filha. Penso ser justamente essa minha essência ancestral que não me permite permanecer em adoecimentos perpetrados nesses espaços adoecidos e adoecedores pelo poder.

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que a nomeação do conceito “interseccionalidade” surgiu no final da década de 1980, todavia, a sobreposição e o cruzamento de gênero, raça e classe estão atuantes há muito tempo. No Brasil, embora não recebessem essa nomenclatura, eles já eram abordados pela historiadora Beatriz Nascimento, e pela antropóloga Lélia Gonzalez, na década de 70, como evidenciam os artigos: “A mulher negra no mercado de trabalho”, publicado em 25 de julho de 1976, no jornal Última Hora, e “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica”, apresentado no *Spring Symposium The Political Economy of the Black World*, entre os dias 10 e 12 de maio de 1979. Os dois textos foram escritos, respectivamente, por Nascimento (2021) e Gonzalez (2020).

Os relatos apresentados aqui são vivências que nascem antes e vão além dos processos acadêmicos pelos quais passei e ainda passo. Elas nascem e não morrem, seguirão circulando, pois quando uma mulher negra fala/escreve sua voz é reverberação das que vieram antes e continua ecoando pelas gerações descendentes. E transformar em palavras as experiências – que nos atingem pela pele, entopem nossos poros, criam nós em nossas gargantas tentando represar a passagem de nossa fluida existência – pode contribuir para o processo de cura. Para erguer e sustentar esta escrita marcada por vivências que atravessam minha subjetividade e encontram coro na coletividade negra feminina, recorro ao aparato teórico *Escrevivência*, uma confluência de saber criada e compartilhada pela intelectual Conceição Evaristo (2020). Em uma de suas falas durante o encontro virtual realizado no dia 25 de julho de 2020, que originou a obra *Escrevivência: a escrita de nós* (2020), ela afirma:

A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebês das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas (EVARISTO, 2020, p. 38).

Escreviver; viver escrevendo; escrever enquanto se vive tem se tornado uma das formas da corporeidade negra forjar saídas. Escrever as vivências na tentativa de colocar para fora o que não pode permanecer dentro, pois, como a água, as emoções, experiências e sensações precisam encontrar seus caminhos, seguir seus fluxos. Nesse ato, encontro também pertencimento, pois escrever me faz sentir parte parturiente de uma história da qual sou escritora e protagonista.

Escolher a escrevivência como aporte teórico a embasar estes relatos que atravessam e são atravessados por caminhos aquáticos é buscar epistemes racializadas em fontes ancestrais, pois ao aproximar Oxum e Iemanjá da escrevivência, além de evidenciar que essa confluência de saber não é narcísica, Conceição Evaristo lembra a importância das águas nas/para filosofias racializadas ancestrais, visto que as duas são Orixás relacionadas às águas doces e salgadas, respectivamente, presentificadas em religiões de matrizes africanas. Uma corporeidade negra escreve suas vivências para: abrir passagem a memórias; liberar angústias; movimentar mágoas; denunciar mazelas impostas pelos sistemas opressores, a fim de que elas sigam seus fluxos, e a subjetividade a escrever permanença viva com espaço para realizar mergulhos dentro em si.

Assim, apresento a água a partir de perspectivas negras ancestrais, como uma potência feminina capaz de gerar a vida, conduzir à cura, lavar e levar tudo aquilo que desequilibra a harmonia, pois de acordo com a filosofia afro-brasileira:

Aprendemos que é pela água que tudo se principia, que a água é cura, é apaziguadora. Acalmamos a Terra com água fresca, louvamos os ancestrais com a água, abrimos e acalmamos os caminhos com a água. De acordo com o costume a tradição dos orixás, ao lançarmos água fresca nas portas de nossos (casas/terreiros), ilês estamos pedindo à Terra, a Exu e aos ancestrais que os nossos caminhos sejam apaziguados, que tenhamos êxito em nossa caminhada, que tenhamos paz, equilíbrio e tranquilidade em nossos dias. Pedimos que não nos deparemos com a desarmonia e que os perigos não nos encontrem. [...] Há na sabedoria afro-brasileira, no cotidiano dos terreiros, um aforismo que diz que ‘somente a água fresca apazigua o calor da Terra’ (REIS NETO, 2020, p. 109-110).

Que as águas das quais somos feitas e pelas quais somos guiadas, possam apaziguar o calor ao longo de nossas caminhadas e que consigamos aprender com elas a não nos paralisarmos diante das pedras encontradas em nossos caminhos.

## O DESPERTAR EM MIM DA NEGRA-MULHER: O INÍCIO DA JORNADA

Ainda, ou, já na graduação, passei por algo que, hoje, chamo de tentativa de negação de minha identidade negra e deslegitimação do “centro”<sup>4</sup> de pesquisa. Durante a defesa do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, fomos questionadas sobre a escolha de *Ponciá Vicêncio* como a obra cerne de nossa pesquisa. Foi uma monografia escrita a seis mãos, dois úteros, três corporeidades pertencentes a grupos minorizados, levando à centralidade da cena acadêmica a escrita viva e a escrevivência de Conceição Evaristo quando ela ainda não era reconhecida (nosso curso se iniciou em 2006 e finalizou em 2010) e sua obra ainda não tinha conquistado espaço no cenário nacional, tampouco internacional.

Ao final de nossa defesa, uma das avaliadoras afirmou, em tom de desdém: “você só escolheram essa autora por serem como são”. À época, não alcançamos nossas tecnologias ancestrais para entender a situação e devolver as palavras à professora integrante da banca, ainda assim, sentimos o racismo penetrando nossas veias, peles, cabelos, lábios, narinas...toda nossa corporeidade negra.

Essa lembrança me acompanha. À medida que o tempo vai passando, vou aprendendo sobre os diversos racismos e demais opressões sociais impostas a grupos minorizados, fato que abre espaço à muitas indagações, entre elas: “Pode uma mulher negra falar/escrever?”, “Por acaso eu não sou uma mulher?!”,<sup>5</sup> existe algo que eu – mulher, negra, nordestina, sul-americana – esteja autorizada a pesquisar? As respostas são encontradas a cada passo, em cada espaço que sigo ocupando.

---

<sup>4</sup> Uso a palavra “centro” e/ou “centralidade” para substituir a expressão “objeto de pesquisa”, a qual pode parecer apenas um rigor acadêmico, porém, pode carregar em si preceitos reificantes. Enquanto pesquisadora negra que se ocupa em pesquisar obras produzidas e protagonizadas por corporeidades negras femininas, escolho, conscientemente essa troca.

<sup>5</sup> Esses dois questionamentos fazem menção a textos/falas de outras intelectuais. O primeiro refere-se à obra *Pode o subalterno falar?* da pesquisadora indiana Spivak Gayatri (2010); já o segundo, ao discurso de Sojourner Truth na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio em 1851 e à canção *Ain't I a Woman?* da compositora e cantora baiana Luedji Luna (2020).

Da graduação até hoje, já se passaram muitos anos. Alguns passos, no que se refere à luta antirracista no âmbito social, foram dados, mas, infelizmente, a academia ainda reproduz opressões (racistas, machistas, capacitistas, entre outras). Mesmo não residindo mais na localidade em que me graduei, encontrei, recentemente, a avaliadora da banca de graduação em um evento de pesquisadores no qual ela se intitulou uma estudiosa da literatura “afro-brasileira”. Que seja uma aliada disposta a se comprometer com a causa.

A negação, a me atravessar durante a graduação, de minha subjetividade enquanto mulher negra não é minha única lembrança desse período. Nessa encruzilhada, gosto de olhar para o outro lado, de onde emergiram as palavras de Conceição Evaristo, que me acordaram, e eu me encrespei. Ali se deu o momento de minha descoberta e do nascimento em mim da negra-mulher. Até então, não me sabia negra, talvez, nem soubesse a multiplicidade do significado de ser mulher; as duas potências assim juntinhas: negra-mulher, ocorreu-me ali pela primeira vez. Sou filha de um homem preto e de uma mulher branca. Tenho a pele não retinta com traços negroides bem acentuados. Cabelos volumosos, cacheados; nariz grande; lábios grossos. Eu passei a infância e adolescência sem me saber negra.

O aguar em mim de minha identidade negra, numa nova-antiga descoberta, iniciou-se com *Ponciá Vicêncio* (2003), obra protagonizada por uma mulher do barro e da água em constante busca por sua identidade. Desaguei num longo processo iniciado na mente, transbordado nos poros, inclusive capilares, e o curso dessas águas não tem fim, só (re)começos em batalhas exaustivas, porém, libertadoras. A luta por restituição, tomada de posse e vivência da subjetividade negra feminina é diária; conta com a potência das palavras, suas encruzilhadas e sua poética capaz de alterar rotas limitadas impostas socialmente a nossos corpos.

A literatura evaristiana me alcançou, dando-me à luz, aguando minha sede de ser negra-mulher, logo, eleger Conceição Evaristo para ocupar a centralidade de minhas pesquisas é sim pessoal, mas também um ato político-poético. Para justificar essa poética-política, recorro às palavras da pesquisadora e multiartista, Grada Kilomba (2019) que afirma:

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais negras/o se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevem a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético (KILOMBA, 2019, p. 58-59 - grifos da autora).

Depois de algumas andanças com tantos aprendizados, eu devolveria a afirmação da avaliadora dizendo: “sim, elegemos *Ponciá Vicêncio* e *Conceição Evatisto* como *sujeitas*<sup>6</sup> de nossa pesquisa, porque nos enxergamos nessa obra e nessa intelectual, somos suas semelhantes; elas representam nossa gente, sendo espelhos nossos”, mas o que tinha naquele dia foi o silêncio que mais pareceu grito interno, preso, engasgado. Apesar da ausência de resposta naquele dia, eu não parei! Segui e sigo a caminhada. Uso a escrita para transformar o silêncio em som, num parto natural, doloroso, porém, satisfatório, ele parte de mim ao mundo.

## **O ABRAÇO DO RIO COM O MAR: DESAGUAR É PRECISO PARA CONTINUAR**

Alguns anos depois, fui tentar mestrado. Ao longo desse processo, também vivenciei algumas situações de invisibilidade e negligência acadêmicas que se somaram à pandemia da COVID-19 e a um exílio, pois

---

<sup>6</sup> Grada Kilomba nos fala sobre a falta de variação do vocábulo *sujeito* no idioma português. A pesquisadora assevera: “Isso revela a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa, e a urgência de se encontrarem novas terminologias” (KILOMBA, 2019, p. 15), com base nessa contundente explicação, optei por flexionar a palavra *sujeito* no feminino.

já não estava vivendo em meu estado materno, minha terra-mãe, casa-útero – Bahia – precisei me mudar para a região sudeste em busca de melhores condições de emprego.

A pesquisa desenvolvida nesse período tinha como *sujeitas* de pesquisa Conceição Evaristo e *Becos da memória* (2013), sua primeira obra escrita, segunda a ser publicada. Apesar de minha apreensão e da ansiedade que me subtraía de mim, consegui recorrer à minha avó Kukula; a defesa foi tranquila e humanizada. Os avaliadores foram muito sensíveis e generosos à minha escrita e ao contexto em que estávamos.

Poucos dias após a defesa, eu tive uma estafa. Meu corpo havia sido levado ao extremo, pois passei o período de isolamento social em um apartamento onde a incidência solar era parca, sustentando a escrita da dissertação, algumas objetificações acadêmicas, pessoais e profissionais (eu atuava na educação básica, numa escola estadual. Apesar do modo remoto, o trabalho seguia a pleno vapor; a qualquer momento éramos acessados por alunos, seus responsáveis e colegas da equipe gestora).

Meus pais saíram da cidade onde moram – extremo sul da Bahia – e foram me buscar – no Espírito Santo – para eu passar uns dias com eles. Os riscos eram altos, mas a necessidade de sobrevivência também. Mãe e pai já estavam chegando à terceira idade, então, combinamos de manter o contato mínimo, apesar de realizarmos esse trajeto no mesmo carro. Ao chegar à casa de meus pais, uma de minhas irmãs me esperava. O abraço não se conteve, caí em seus braços e desaguei, como braço do rio no leito do mar. Há mar para amar sendo amada! O choro vertido, há tempos, encontrando passagem ali naquele encontro uterino, de corpos que já abrigaram a mesma casa-útero em tempos distintos, foi potente.

Agora, neste instante em que escrevo, uma pausa me atravessa a liberar resquício lagrimal dessas memórias para continuar a escrita...

Os dias que se seguiram ao resgate foram de afago: os temperos de pai e de mãe, as conversas à mesa, as risadas do sobrinho, trocas com a irmã...foram preâmbulos e fôlego para buscar cura. “A cura no próprio quintal/conexão ancestral” como canta Rashid em parceria com Drik Barbosa na canção *Sobre nós* (2022). Essa música me faz lembrar que tentei, via chamada de vídeo, no quintal da casa paterna-materna, um

acompanhamento terapêutico, mas a abordagem não conseguiu abraçar minhas questões e suas cores. Retornei ao Espírito Santo, não foi fácil, mas era necessário; lá, busquei algo mais específico, uma profissional – mulher negra – da psicanálise comprometida com leituras sobre raça e gênero. Desde então, sinto minhas questões sendo enxergadas, sobretudo, por mim; acolhidas por nós. Esse fato me deu ainda mais fôlego para continuar seguindo.

### **LÁGRIMAS PELA ESTRADA AFORA: ATRAVESSANDO MARES, RENOVANDO A FÉ, CONTANDO E CANTANDO**

É possível afirmar que apesar de toda fluidez da água, ela encontra em seu caminho muitas pedras, barreiras, percalços, entraves, mas não se deixa ser paralisada; ela sempre continua seu movimento vital. Na obra *Pedagogia da Circularidade: Ensinagens de Terreiro* (2021), Tássio Ferreira afirma:

Do reflexo das águas você verá o ouro que reluz de sua essência. [...] Para que o ouro brilhe através de nossos olhos e exale sobre nossa pele, é preciso se redescobrir a todo instante. O corpo precisa virar do avesso, o coração escancarar sua porta e a fé conduzir ao melhor caminho da encruzilhada. Caminho este que parece ser de tranquilidade absoluta, como o leito de um rio aparenta. Ledo engano! Por baixo das águas que correm, há pedras, há alterações no relevo, há uma biodiversidade e mistérios para além de nossa lógica cartesiana ocidental. [...] O rio não para nunca. Se preciso for, ele rasga a terra, encharca a mata e reconfigura seu trajeto. Este é o caminho da vida real, cheia de adversidades (FERREIRA, 2021, p. 30).

No curso das vivências de uma corporeidade negra, é possível sentir o avesso do corpo sendo empurrado para fora de si, à beira da insanidade; feridas abafadas pelas pressas, pressões e tentativas de deslegitimações; as buscas pela cura sendo constantemente interrompidas e/ou adiadas;

falas silenciadas, gritando por escuta, porém a fé também se presentifica, evidenciando que é possível se fortalecer e seguir, movimentando-se na cadência de um tempo distante das opressões ocidentalizadas, numa dança ancestral a se mover em ondas, mostrando que apesar das durezas das pedras e do sal encontrados pelos caminhos é possível seguir, movimentar, sequenciar, viver. Por isso, mais uma vez eu não parei, decidi tentar mais uma pesquisa. Escrevi um projeto, pedi amparo e proteção à minha ancestralidade, enchi o peito de expectativa e me dirigi à academia desejava por uma orientação digna.

O projeto de pesquisa mais recente a atravessar meu corpo é o do doutorado (em desenvolvimento); ele “atreveu-se” a analisar música e literatura investigando as contribuições dessas duas áreas na restituição da subjetividade negra. Canção e literatura sempre me fizeram cadenciar no ritmo das águas de minhas ialodês, mulheres que, abrindo caminhos às sucessoras, cantam e contam narrativas que passaram por tentativas de silenciamentos ao serem abafadas pela voz branco-patriarcal hegemônica.

Uso o verbo “atreveu”, pois no projeto, a proposta previa dialogar com os poemas de Conceição Evaristo com canções de Luedji Luna, analisando a interface literatura-canção e, por diversas vezes, fui questionada sobre inserir a música na pesquisa, uma vez que minha área de atuação (e autorização?) é literatura. Será que esse questionamento é só por inserir em meu projeto a canção, ou também por eleger, mais uma vez, obras com protagonismo de vivências negras, escritas/compostas por mulheres pretas? Além disso, não se pode esquecer: a subjetividade por trás dessa pesquisa é negra-mulher e assim se afirma constantemente.

Não foi fácil sustentar esse projeto, segue não sendo tranquilo e fluido sequenciar e finalizar a pesquisa, pois as tentativas de nos deslegitimar também seguem sutis e muito sofisticadas. E o que fazer quando somos alvos? A quem pedir ajuda? Como proceder nesse cenário que não nos quer e a todo momento invalida nossas epistemes? Penso que seria muito importante uma equipe de apoio voltada para o cuidado da saúde mental dentro das Universidades. Enquanto isso não se concretiza, sigo pedindo orientação à minha ancestralidade, pois as canções e histórias negras me conduzem a encontros ancestrais, lembrando-me que eu não

ando, não falo, não escrevo só, como nos canta Sued Nunes em um de seus versos: “Eu sou uma, mas não sou só!” (NUNES, 2021). A minha escrita – que não é só minha, pois a subjetividade a me atravessar é coletiva – movimenta-se entre o singular, marcando minha individualidade enquanto mulher, e o plural, registrando a coletividade ancestral composta por uma multidão de negras e indígenas irmanadas no tempo espiralar (MARTINS, 2021) passado-presente-futuro.

Os questionamentos sobre dialogar com a canção e literatura surgiram nas bancas para aprovação do projeto embrião da tese de doutorado quando fui confrontada e advertida sobre o fato de relacionar essas duas grandes áreas. Não estou tirando a razão dos avaliadores, eles apresentaram contribuições significativas e pertinentes ao melhoramento do projeto. Escrevo “bancas” no plural, pois na primeira tentativa eu não fui aprovada, mas ouvi atentamente às sugestões, melhorei o projeto e retornei para uma segunda tentativa.

As duas bancas ocorreram de forma remota. Preciso pontuar que as tentativas de ingressar no doutorado foram pela UNEB Campus I que fica em Salvador, Bahia. Isso indica, que de alguma forma, eu estava tentando voltar para casa. Passei de segunda; alguns silenciamentos e mais adversões passaram por mim. Quem cuida de mim, fez dos entraves água, molhando o terreno para o plantio dos saberes negro-indígenas de nossos estudos. Lembro que, ainda nesse processo, após ser questionada sobre eleger Luedji Luna e Conceição Evaristo respondi que não faria sentido ser aprovada no doutorado estudando intelectuais distantes da minha subjetividade e afirmei: “quero entrar na academia, mas quero também levar meus espelhos”. Assim fazemos!

A água se presentifica desde a fecundação do projeto de doutorado, sendo importante também para limpar os resquícios das imposições hegemônicas de uma pseudonecessidade ocidentalizada, que, por vezes, fez-me sentir obrigada a enveredar pelos caminhos da técnica musical, tão distantes da essência embrionária da linha de pesquisa por nós almejada.

Depois de: conversar com professores especializados na interface literatura-canção; procurar nas teorias academicistas-justificativas-permissivas para dialogar com essas duas áreas; perder a coragem/vontade de

retornar ao meu projeto de pesquisa; ainda contaminada pelos empecilhos da não autorização – pois a todo instante eu me distanciava de minha essência por meio das seguintes falas: “Você é das letras, não da canção!” – parei para voltar a me ouvir e ouvir as *Vozes-mulheres* ao meu redor. Foi quando a voz de uma amiga musicista, professora, pesquisadora (autorizada por ser das letras e da canção?), Denise Santiago Figueiredo, ecoou como música em meus ouvidos: “mas me diga uma coisa: você pensa em analisar a técnica literária? Então, por que está preocupada com a técnica musical?!” A sentença: “Você é das *letras* não da canção!” foi ressignificada em mim.

O mar se abriu dentro de mim. Nessa época, eu morava na capital do Espírito Santo, seguia indo e voltando pela BR afora entre idas e vindas de Vitória/ES a Salvador/BA<sup>7</sup>, duas cidades banhadas por águas. Confesso que, por vezes, o trajeto era regado a lágrimas. Eu não entendia bem o porquê de me sujeitar a uma viagem tão longa para cumprir, semanalmente, as atividades dos créditos do doutoramento, mas sentia que tudo isso era necessário. Um dia, durante um dos almoços com a turma, ouvi de um colega pesquisador: “O mar é um portal!” De forma muito rápida e orgânica, meus olhos desaguaram. “O mar é um portal”, eu repeti a frase em meio a lágrimas, e eu precisava atravessar.

Ainda não conseguia grandes passos, mas seguia, a passos lentos, convicta de que minha pesquisa me exigiria grandes movimentos; ela não seria sobre técnicas literárias nem musicais. Nossas águas são outras! Eu queria analisar a poética das letras; a poesia presente nas letras de Conceição e de Luedji.

Depois desse “Abrolhos” de ouvido, fui para o II Ciclo Afro<sup>8</sup> e mais uma vez o mar se abriu, mas eu ainda não conseguia passar, não me permitia, não me autorizava escrever sobre música e literatura. O evento ocorreu em Cachoeira-BA, um lugar indígena e negro ancestral cercado por águas. Durante o Ciclo, as falas foram, majoritariamente, pautadas em

---

<sup>7</sup> Vitória/ES fica a pouco mais de 1000km distantes de Salvador/BA. De ônibus, o tempo estimado de duração da viagem é 24h.

<sup>8</sup> II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: Poéticas da Diáspora Africana.

“*epistemogiras*” (informação verbal)<sup>9</sup>. Foi lá quando-onde tive consciência das tecnologias negras ancestrais, teorias de encruzilhadas, corpos diaspóricos amando/sendo amados e muitos outros saberes-fazerem disruptivos. Além de tudo isso, o Ciclo Afro me apresentou ao Mercado Bembé de Santo Amaro da Purificação com suas canções e cançoneiras/os. Em Cachoeira, águas ancestrais me atravessaram não só no âmbito da pesquisa. Alguns processos pessoais também foram lavados, abrindo espaço à novas percepções de mim. Como eu chorei nas ruas dessa cidade cheia de encantos embalados por uma simplicidade única.

Parece muito clichê, mas preciso escrever: ao longo de todo esse processo, indo e vindo pelas longas estradas que unem e separam Vitória e Salvador, minha fé se renovou. Inicialmente, não me pareceu humanamente possível fazer essa travessia por conta de questões físicas, geográficas, financeiras, pós-pandêmicas, porém, toda minha ancestralidade me provou o contrário. Essas idas e vindas se deram após o início do ciclo das vacinas contra a COVID-19.

Como o processo de doutoramento se iniciou ainda na pandemia, nossos primeiros encontros foram online, os demais, presenciais. Nesse processo, passei a crer mais em mim, em meu axé, no amor, na potência da sala de aula e seus afetos – potente o amor encontrado em minha turma – e relatar isso me leva a elaborar, arrancando do peito-tambor-coração o tampão que me impedia de pesquisar algo tão meu, tão nosso, tão negro, indígena e brasileiro: a canção. “Andar com fé eu vou, a fé não costuma faiar” (GIL, 1982).

Com a fé renovada, um pouco distante dos assombros dos tempos pandêmicos e numa nova era, um novo governo, fui novamente à cidade

---

<sup>9</sup> Expressão correspondente à fusão de epistemologia e gira (que é a designação de um ritual de umbanda, análogo à palavra “xirê”, que se usa no candomblé). Terminologia usada pelo pesquisador Rafael Haddock Lobo em sua fala durante o Ciclo de Conferências “Brasil: Poéticas da Diáspora Africana”. Evento organizado pelo Programa de Leitorado Brasileiro na Colômbia e a Cátedra Libre de Estudios Brasileños da Universidad de Buenos Aires, com a colaboração da Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de Colombia, da Dirección de Relaciones Exteriores da Universidad Nacional de Colômbia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), realizado entre os dias 14 e 18 de novembro de 2022.

de Salvador - BA para a ABRALIC-23<sup>10</sup> – dessa vez, pude ir pelas vias áreas, pois antes, os altos valores das passagens não me permitiam. Apresentei uma comunicação no simpósio: “*Encruzilhando a escrita literária: a cabaça-útero, o cantar das folhas e a terra*”. Foi mais uma potente pororoca, por meio da qual senti novamente a necessidade de levar para a academia saberes distantes do logocentrismo, isso não é sobre desvalorizar conceitos cartesianos eruditos, é sobre abrir espaço para saberes ancestrais.

Toda essa travessia começa bem antes de mim, passa por mares, rios, Cachoeira, atravessa-me... compondo um leme a guiar-me pelos caminhos das águas e seus sons encantadores, fazendo-me perceber: ancestralidade negra, ancestralidade indígena e a canção estão conectadas. Além disso, sinto que a música me chegou antes das letras literárias, pois as melodias me alcançaram ainda na casa-útero, já que minha mãe sempre amou as canções de rádio, ama cantar e suas falas se tecem numa voz melodiosamente arrastada, principalmente nos ditados populares por ela reproduzidos.

Já a literatura alcançou-me mais tarde. Lembro de começar a acessar livros, de forma mais frequente, quando já estava no Ensino Fundamental II e amava correr para bibliotecas para fugir da realidade dura de criança adultizada. Não tínhamos muitos livros em casa nem discos. Aqui, faço questão de lembrar uma das recorrentes falas de Conceição Evaristo (2017b): “eu não nasci rodeada de livros, nasci rodeada de palavras”<sup>11</sup>, acrescento: “ditas e cantadas”.

Tenho lembranças-invenções de ser carregada na cacunda de pai e melodiar um som ilegível: “*atchielu, atchielu, atchielu...elu, elu*”. Eu ainda não falava, muito menos lia, mas já cantarolava. Lembro-invento um bonito contraste orquestrado por meu pai, com sua pele preta, saindo de mãos dadas comigo – criança de pele e cabelos claros – cantando nas ruas:

---

<sup>10</sup> ABRALIC é a Associação Brasileira de Literatura Comparada, uma entidade sem fins lucrativos que organiza eventos que reúnem professores, pesquisadores e estudantes de literatura promovendo estudos comparatistas. Em 2023, o simpósio organizado pela ABRALIC foi em Salvador, Bahia.

<sup>11</sup> Um dos momentos em que a intelectual proferiu essa fala foi durante uma entrevista concedida à Revista Fórum em 2017b.

“Ô coisinha tão bonitinha do pai” (ARAGÃO *et al.*, 1979), ou batucando em qualquer vasilha na preparação de almoços nos domingos, “O trem das onze” (BARBOSA, 1964). Lá em casa ninguém é músico nem musicista, tampouco literata, mas nos permitimos sentir.

O fato do Brasil ser um país concebido, parido e nutrido por sons da nossa brasilidade me faz organicamente um ser musical; minha corporeidade negra feminina produz música a todo instante, pois meu coração bate, por vezes, no ritmo de um tambor, noutras, na cadência do mar. A música é para mim uma resistente pulsão de vida, cantando minha ancestralidade e sendo por ela cantada. A canção está presente em todas as fases de minha existência, antes de e mais que a própria literatura, área de minha autorização acadêmica.

Durante a pandemia, passei a observar de forma mais intensa, as sensações de cada canção escutada e balbuciada por mim: quais me acalmavam, quais me convidavam a dançar, quais me ajudavam a me ouvir e acolher uma ansiedade, antes escondida na correria da rotina sem isolamento. E todas essas músicas, sem exceção, fizeram-me companhia naqueles tempos sombrios de adoecimento e morte, assim como melodias e histórias foram companheiras de minhas/meus ancestrres nos navios tumbeiros e ao longo de quase quatro séculos de escravidão. A música e a literatura fazem parte das identidades negras diaspóricas. Quando essas duas artes são produzidas e protagonizadas por corporeidades negras femininas, a identificação por parte das apreciadoras semelhantes (mulheres negras) se intensifica. É como se estivéssemos recebendo um espelho das mãos dessas produtoras, pois essas obras são pautadas em suas vivências que alcançam nossa coletividade. Os reflexos que encontramos nos mostram nossa beleza, autenticidade, potências negadas durante tanto tempo. Assim:

No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para

além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos. (EVARISTO, 2020, p. 38-39)

Após enxergar nossa beleza e nossa potência individuais/coletivas, conseguimos seguir a jornada com mais fluidez, leveza, encantamento, pois passamos a nos amar, a estabelecer nossos limites, a aceitar que não temos como controlar a forma como somos tratadas, mas podemos deixar pelo caminho as pedras, visto que elas não nos pertencem, logo, carregá-las só nos traria adoecimento, dor, sofrimento e morte.

“Sigo e passo  
As águas passam,  
e as pedras ficam...”  
(EVARISTO, 2017a, p.102)

## **A ÁGUA SEMPRE ENCONTRA SEU CAMINHO: A JORNADA CONTINUA...**

Relatar tudo isso me faz sentir a potência das ancestralidades negra e indígena me lembrando, mais uma vez, que eu não ando só; que assim como as letras de Conceição Evaristo e Luedji Luna, esse trajeto relatado aqui transforma a dor em escrita com muita gratidão por ter conseguido encontrar o caminho de volta para casa; que os entraves, ainda quando impostos por sistemas opressores, também têm muito a nos dizer; que as agruras da vida podem ser transformadas em águas singrando nossas dores, fazendo-nos seguir. Eu posso ver a dor, senti-la, mas ela não me estaciona, pois nós a transformamos em palavras. E como diz a canção *Prece de pescador* composta por Roque Augusto Ferreira e Joviniano Velloso Barretto, interpretada por Mariene de Castro: “E que me lancem as pedras/Yemanjá faz areia pra não machucar” (CASTRO, 2005).

Eu ainda estou na travessia do processo de doutoramento. Precisei me mudar de Vitória para Salvador, fato que me deixa muito feliz, pois, já estava em terras capixabas há mais de doze anos. Retornar à minha Bahia, terra-útero, mar-mãe, devolveu-me um sentimento de pertencimento que me transborda do útero aos olhos, inclusive agora enquanto escrevo essas palavras. Eu precisava e queria voltar, não só à Bahia, mas também a mim, mesmo sabendo que nada volta, tudo segue. De volta para casa, de volta ao meu corpo e seguindo nos processos de cura.

Eu ainda choro pela estrada a fora, só que agora o trajeto é pelos bairros e águas soteropolitanas, enxergando pessoas, belezas, cores, gestos, corpos... à mim tão familiares. Hoje, eu entendo o trajeto tão, tão distante, pois sinto que o caminho é para dentro, num mergulho interior, nas mais profundas águas. O percurso não era só de Vitória a Salvador; do Espírito Santo à Bahia; era de mim para mim, em meu interior; movendo as más águas internas, conduzindo-me a mim mesma. E é tão bom voltar para casa, voltar para mim, seguindo não ao fim, mas sim aos (re)começos, pois sou poesia itinerante (in)constante movimento.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Jorge; GUINETO, Almir; CARLOS, Luiz. Coisinha do pai. In: CARVALHO, Beth. No pagode. RCA/BMG. Rio de Janeiro. Faixa 01. 1979.
- BARBOSA, Adoniran. Trem das onze. In: BARBOSA. Adoniran. Adoniran Barbosa Especial. EMI-Odeon. Rio de Janeiro. Faixa 20. 1990.
- BARBOSA, Drik. Sobre nós. In: Nós. *Laboratório Fantasma*, 2022. Faixa 01.
- CASTRO, Mariene. Prece de pescador. In: *Abre caminho*. Salvador: Eldorado (distribuição independente), 2005.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo: Tudo que eu escrevo é profundamente marcado pela condição de mulher negra*. Entrevista concedida a Lucas Vasques. Revista Fórum/Cultura. Rio de Janeiro. (RJ). Set. de 2017b. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/2017/9/30/conceio-evaristo-tudo-que-eu-escrevo-profundamente-marcado-pela-condio-de-mulher-negra-23311.html>. Acesso em: 16/junho/2024.

EVARISTO, Conceição. Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.) *Escrivivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Míma Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 07/agosto/2025.

FERREIRA, Tássio. *Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro*. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

GELEDES. *Sojourner Truth*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>> Acesso em: 27/novembro/2024.

GIL, Gilberto. Anda com fé. In: *Banda um*. Warner. 1982.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flavia; Márica, LIMA (Orgs). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 49-64.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismos cotidianos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUNA, Luedji. Ain't I a Woman? In: *Bom mesmo é estar debaixo d'água*. Selo independente, 2020. Faixa 05.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

- NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTI, Alex. (Org.) *Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NUNES, Sued. Povoada. In: *Travessia*. Mugunzá Records, 2021.
- REIS NETO, João Augusto dos. Pensar-Viver-Água em Oxum para (Re) Encantar o Mundo. In: *Revista Calundu*, v. 4, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v4i2.34344>. Acesso em: 06/agosto/2025.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Texto recebido em 16/12/2024 e aprovado em 15/10/2025